

## **DOCUMENTÁRIO ECOPOLÍTICA-ECOLOGIA 1**

Duração: 56 minutos

P7B e cores

Editado em Programa AVID com equipamento do PTE.

- I. Referências para organização de material coletado, gravado e editado.
- II. Textos que farão parte da sessão de apresentação do DVD em 4 de junho de 2012, no Auditório Paulo-Freire-TUCA, 19 hs. (Aula-teatro *pocket* com Acácio Augusto e Gustavo Simões) e que acompanharam a produção do documentário.

### **Pesquisa para a elaboração de roteiro:**

Edson Passetti, Gustavo Simões, Acácio Augusto, Thiago Rodrigues e Beatriz Scigliano Carneiro.

### **Pesquisa para o documentário:**

Edson Passetti, Gustavo Simões e Acácio Augusto.

## I. Referências para organização de material coletado e gravado e editado.

A internet abre-se ao usuário com o *Google* e o *Youtube*, sem contar os inúmeros programas em interfaces com estes. A pesquisa eletrônica vai a eles (Cf. Docs. Relatório Geral e Metodologia Eletrônica).

A disponibilização de materiais acessíveis responde às buscas dos internautas quanto às suas imediatas aspirações. Textos, comentários, verbetes, fotos, imagens, filmes, livros, depoimentos, documentos secretos, artigos, mapas, oráculos, músicas, enfim, produzem a *sensação* de que tudo ali está e pode ser acessado livremente pelo navegador. E assim se *baixa* filmes, músicas, adentra-se a museus, órgãos governamentais, recupera-se trechos de espetáculos, pronunciamentos, vinhetas, planos de trabalho...

O Documentário Ecopolítica-Ecologia 1, filia-se à prática do Nu-Sol — desde as primeiras experiências na TV-PUC, com a série *ágora agora* e, anteriormente, com breves ou longos vídeos-documentários — em lidar com o material disponível e de maneira livre, para compor suas reflexões; pelo menos até hoje quando o debate sobre o *comum* e os direitos autorais ainda oscilam na configuração de uma *cidadania digital*.

A pesquisa prévia com base em produção acadêmica e artística encontra na internet um vastíssimo material a ser combinado com a produção de imagens e depoimentos inéditos para compor um documentário. Mais do que isso provoca exercícios de linguagem em função de uma ética libertária, e muitas vezes, provoca o pesquisador a produzir cenas para o mesmo documentário com recursos de estúdios, expondo também seu potencial relativo à *apresentação* de um texto, poesia, um argumento extraído de publicações ou simplesmente produzido para tal ocasião. Importa *apresentar*

problematizações decorrentes das lutas entre as forças em um acontecimento e menos *representar*, fazer com o que se vê seja o real transposto pelo ator. Antes de tudo preocupa-se com trazer aquele que vê para a *problematização* e evitar as técnicas naturalistas ou de distanciamentos da representação.

Em Ecopolítica-Ecologia 1 lidamos, livremente, com o material coletado para produzir uma linguagem para o documentário que propicie *querer*, a quem o assistir, uma remontagem, com cortes, nova edição e acréscimos com outras imagens ou palavras que ampliem e desdobrem o que foi apresentado em perspectiva libertária. Não mais, como mostramos em *agora*, *agora 3*, com o mesmo *modo de fazer*, a estampa do discurso oficial, mas neste momento, abrir outros fluxos discursivos sobre ecologia. Seguir o proposto em *ágora*, *agora 2*: produzir materiais sobre temas e apresenta-los em 6 *antiprogramas*, remontados e acrescidos de novas imagens-sonoridades em outros 6, convidando o professor a lançar mão de um material de pesquisa esgotando-o por temas correlatos. Um documentário para exercícios de documentarista entre estudantes, professores, pesquisadores dando outros contornos aos materiais disponíveis na internet e um programa de edição.

O documentário é o segundo no interior deste PTE. O primeiro *carmen junqueira, a antropologia menor*, seguiu entrevista com a antropóloga depois de diversos encontros nos quais discutiu-se sua produção e percursos e chegou-se, em comum acordo, a respeito do que deveríamos perseguir no documentário. Atravessou-se a entrevista com imagens capturadas e modificadas da internet, material iconográfico da coleção da pesquisadora, assim como músicas, silêncios, propositais escuridões, nada palatáveis ao que se espera de um documentário: imagens sólidas, luz clara ou com visibilidades constatáveis e, maior ou menor compromisso com a linearidade. Neste segundo documentário, escolhemos, propositalmente, os

efeitos do acesso livre à internet. Os filmes são *baixados* com qualidade inferior, as imagens fotográficas com resoluções abaixo do suportável para a *tela cheia* do monitor, as entrevistas voltadas para o *close*, os detalhes dos rostos, tocando a pele do corpo, gravadas em espaços de convivência e, portanto, repletas de ruídos, balanços e perdas propositais de focos. A pesquisa é isso: um percurso repleto de silêncios, parcerias, ruídos, defeitos que um texto final para publicação procura *limpar* e solidificar uma objetividade exposta com maior ou menor veracidade, hoje em dia, seguindo os indexadores. Importa captar o pesquisador-entrevistado no momento da pergunta inédita, em condições *ambientais* pouco confortáveis; ouvir e gravar na presença do inesperado suor, da gagueira, do desvio sempre disponível a outra reflexão durante a exposição de um argumento. Da mesma maneira a conversa aberta com *anônimos* pelas praças populares da cidade, trazendo sua disposição prévia pra falar a uma câmera, às vezes sua relutância, a sinceridade em expor suas ingenuidades ou maneiras como as quais conferem autenticidade às verdades. A pergunta foi a mesma para todos os intelectuais entrevistados: *como vê a biopolítica hoje?*; a todos os anônimos: *o que é ecologia?*. Depois editar, preservando a integridade dos depoimentos, lamentar o material que se destina a um arquivo de memórias do documentário, remanejar momentos do roteiro, mas afirmando a perspectiva libertária nem sempre concordando com os entrevistados, em função de deixar para o espectador os desdobramentos. Enfim, compor um documentário como um *arquivo*.

Ecopolítica Ecologia 1, evita muitas palavras, mas não contorna sua perspectiva estética produzida até agora pela pesquisa.

II. Textos que farão parte da sessão de apresentação do DVD em 4 de junho de 2012, no Auditório Paulo-Freire-TUCA, 19 hs. (Aula-teatro *pocket* com Acácio Augusto e Gustavo Simões) e que acompanharam a produção do documentário.

A.

**Sustentar:** aguentar por baixo, amparar para não mudar de posição, segurar para não cair, colocar escoras, manter, conservar, alimentar, prover sustento, servir de alimento espiritual, nutrir-se, subsistir, manter-se à altura de, resistir a, afirmar, certificar, confirmar com obstinação ou energicamente, fornecer recursos, sofrer com firmeza e resignação, perpetuar, não enfraquecer...

**Sustentável: que pode ser sustentado.**

Um breve passeio pelas diversas significações de *sustentar* leva-nos ao *governo pela conservação*. Conservar o meio ambiente com novas feições ao capitalismo em sua fase atual e inovar, também, com economia *verde*. Instituir o democrático, legal, normativo, regulamentado como constante inacabada. O capitalismo, em sua nova idade, para não cair, recebe escoras, mantém sua posição, provê sustento e alimento espiritual: nutre-se e produz subsistência; resiste a radicalidades e, para permanecer, desdobra cidadanias. A certificação do sustentável exige tecnologias sociais e negócios sociais para gerar *novos* equilíbrios. Provoca a responsabilidade social em empresas e as instiga a substituir produtos impróprios, possibilitando nova feição às disputas no mercado sustentável e sustentado. Dá ao capitalismo uma nova cara: redesenha a racionalidade liberal renovada de maneira democrática como prescrição às gentes do planeta e amplia seu governo de domínio sobre o espaço sideral.

Encontra-se um novo modo de confirmar as obstinações do lucro, com consistência, e renova a resignação e os policiamentos pela disseminação de monitoramentos. Sustentar-sustentável: governamentalidades que produzem novas institucionalizações e contenção de resistências por meio da *participação por interfaces*. Esvazia os conteúdos históricos de práticas de resistências e mudanças, incorporando conceitos como autogestão, autonomia, lutas radicais, ecologia, associação, entre outras, em um complexo de *alternativas conjuntas*, admitido a priori como consensual. Sustentar é inovar na conservação, tornar programável em escala planetária com a produção de assujeitamentos, o amor à obediência, governando as condutas. Sustentável é o planeta no espaço sideral; sua população passa a ser a parte a ser sustentada e impulsionada a suportar, cada um como empreendedor de si, um pastor de si e dos outros, ocupado, cuidando-se e verificado. A biopolítica entra em fase de transição. A população passa a ser governada em *ambientes* que produzam a satisfação com *melhorias*.

## B.

1. Luc Ferry e as leis do nazismo, in Luc Frerry. *A nova ordem ecológica. A árvore, o animal e o homem*. Trad. Rejane Janowitz. Rio e Janeiro, Difel, 2009, pp 167-190.

*Tierschutzgesetz*. Lei de 24 de novembro de 1933 (lei de proteção aos animais).

*Reichsnaturschutzgesetz*. 1 de julho de 1935 (lei de proteção sobre a natureza). Expressa a relação romântica das relações entre natureza e cultura: recuperar o estado original da natureza por meio do *sentimento* e dar à natureza um sentido de dignidade independente dos seres humanos. É preciso respeitar os animais:

condena-se a crueldade dos judeus no abate de animais e ressalta a preservação dos povos naturais.

*“Para a política natural do nacional-socialismo o caminho que precisa ser seguido é bem claro. A política de repressão e extermínio, cujo modelo nos é oferecido pela América e Austrália nos seus começos, é tão absurda quanto a teoria francesa da assimilação. Só convém um desenvolvimento dos povos naturais que seja conforme à sua origem racial própria ...e do ponto de vista de uma visão de mundo nacional-socialista.”* Walther Schoenichen, biólogo e um dos principais teóricos nazistas do meio ambiente.

*“À Reichsnaturschutzgesetz se atribui assim o papel de peça mestra do dispositivo ecologista nacional-socialista: com ela o homem não é mais tido como mestre e senhor de uma natureza humanizada e cultivada por seus cuidados, mas como *responsável* por um estado selvagem original dotado de direitos intrínsecos cuja riqueza e diversidade compete a ele preservar para sempre”* (p. 190). E desta forma, mais um argumento se junta à exterminação de judeus.

2. Wilson Bueno. *Mano, a noite está velha*. São Paulo, Planeta, 2011.

*“As noites cavalas, no breu só a dança dos vagalumes, salpico azul e prata, acendendo e apagando, apagando e acendendo terreiros e floresta, chão e chão, céu e céu, o verde-escuro da mata, os cícios, o rugido da pintada, sons indiscerníveis; ameaçadores, não por selvagens, mas pelos que guardam, no reverso de si, o aziago, prenúncios, notícias, cochicho e choro, ranger de dentes, o livro sagrado lido aos tropeços, pelos olhos com catarata do seo Galdino, reconhecido e rezado curandeiro daqueles perdidos de Deus”* (p.81).

“A cobra volta à posição natural, e bem mais próxima da figueira, da galinha e dos pintinhos, finge-se fixa e eterna, os olhos rútilos, só a bizarra língua incessante diz que a cobra é uma cobra viva. Tenho medo, penso em chorar e chamar pela Mãe. Desisto: é que, agora, um pintinho, desgarrado dos demais, caminha, a pipilar triste, na direção de onde a cobra se finge morta, na exata direção da boca neste momento aberta da cobra, esticada e luzidia, as presas, a língua bífida, o olhar rútilo, a boca aberta. O pintinho vai piando triste e inexorável na direção da bocarra aberta da cobra. Grito que saia dali, grito que escape, a Mãe longe da cozinha nem sequer percebe, e grito cada vez mais alto para que o pintinho volte à prole da galinha-mãe que a essas alturas, ignorante de um tudo, vai bem longe da cobra. Me rebelo contra ela, me rebelo duramente contra a galinha-mãe que, agora, nem sequer se interessa pelo que acontece de irrecurável ao pintinho desgarrado. Que pia, anda, anda e pia — uma linha reta na direção da bocarra da cobra. Até o baque final: aquele em que a cobra o engole num só golpe e gole — mortal” (pp. 83-84).

“Os pássaros não morrem nem de lado nem de borco, os pássaros morrem, as híidas perninhas, de recurvíssimos minúsculos dedos, os pássaros morrem geralmente virados para cima. O pardal morto é testemunha de sua própria fraqueza de haver nascido pardal, agora ei-lo findo, molhado pela garoa que enevoa o jardim, as plantas, as árvores, toda a Aldeia” (p.88).

“Limpam-se os dias e limpam-se as noites a prenunciar geada. O vento agulha os ossos e os martiriza. Mas ainda é — de todas — a estação mais bonita de nossa cidade” (p. 128).



“Malignas as lendas marcadas por bosques e princesa, bruxas malévolas varando em negro o céu delas, das lendas, Mano; recorte de sombra contra o azul-marinho. A infância, a infância de qualquer um pode ser só uma fábula sonâmbula, nem sempre ao condão do encanto e de uma alegria que tolos ou ingênuos cantam em prosa e verso. A infância é por vezes só uma sombra — talvez a mais dolorosa que os contos negros dos escritos turbados de absinto” (p. 117).

“Viajara também o Neguinho no vagão de animais do trem de ferro da Rede Viação Paraná-Santa Catarina, e só aquilo já me sugeria uma odisseia. O Pai seguiu quieto, e sem anunciar as coisas inauditas com estardalhaço, como era de seu feitio, ainda me puxando pela mão de modo severo, só percebi quando estacamos à frente de uma fileira de taxis, velhos Buick, os Oldsmobile, as Nash impecáveis daquele tempo, luzindo, alguns motoristas enfiados em elegantes bonés. Hábil, e ainda desusadamente sério, o Pai ajudou o motorista a colocar o caixote com o porco no porta-malas. E aquilo não pareceu ao chofer a melhor das coisas, tarefa que entretanto, cumpriu mesmo aos resmungos. No queixo erguido do Pai, Mano — lembro com clareza e júbilo —, imperava apenas a indiferença orgulhosa com que se sentou no banco da frente do automóvel. Com a mesma soberba, acomodado atrás, protestei de repente — alto e meio aflito —, apesar do fausto do instante e o banco de couro do taxi também a luzir, por que o Neguinho não ia ao meu lado, em vez de sufocado na parte detrás do carro? Tanto espaço e qual a razão, perguntaram os meus oito anos, para que o porco não viajasse dentro do carro? E se morresse no trajeto? Consolei-me com a manhã fresca e a assertiva, monossilábica do Pai, glorioso no banco da frente, de que a viagem era curta e porcos suportam inimagináveis temperaturas. De fato, me lembrei logo dos chiqueiros de porcos do sertão profundo, onde, baixo sol forte, na lama quente, em meio a enxames de moscas,

cercados nas mangueiras, porcos, porcas e porquinhos chafurdavam barulhentos, e felizes. Terrível quando, pela primeira vez, apesar do ruído do motor do carro, ouvi do porco mais que o ronco constante, uns guinchos assustadores" (pp- 95-96).

3. Edson Passetti. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 49-50.

“Desde a segunda metade do século passado, não há como negar a avalanche de religiões (porque refaz a geografia e a história das religiões ocidentais) funcionando, na verdade, como organizações não-governamentais. Também não é de estranhar que ao lado desta procriação emerge outra, a das defesas ecológicas (uma palavra correta para a qual as mais diversas tendências políticas se dirigem, incluindo os anarquistas, por meio da ecologia social defendida, entre os norte-americanos, por Murray Boockchin). Em especial, as advindas dos movimentos hippies, inspirados na atuação de Henry David Thoreau, no século XIX, contestavam os efeitos devastadores do industrialismo e do consumismo capitalista, pregando a volta à vida na natureza, em equilíbrio, por meio de associação em comunidades como forma de denúncia e vida fora da civilização. Sexo livre, sexo preso. A tradição moralista-religiosa estadunidense comporta a vida como a reprodução da espécie, a vida purista na comunidade, a alimentação preciosa sem efeitos químicos, a defesa de espaços na natureza sob a forma de reservas de Estado como santuários. Há o reconhecimento de Deus na natureza, no equilíbrio que homem nenhum deverá abalar. Portanto, dessas duas direções, parte do movimento dos hippies e parte da tradição religiosa puritana, reescrevem-se na defesa do planeta pelo lado da preservação de áreas como santuário ecológico (...)

No limite, os ecologistas, querendo ou não, definiram seu quinhão na caracterização de uma vida politicamente correta. É preciso ser democrata, participar de organizações não-governamentais, ter compaixão pelo planeta, assim como aprendemos a tê-la com os outros por meio da irmandade cristã, pela criação da fraternidade como assistência religiosa, social e política. É imperativa uma federação planetária fraternal (...)

Indígenas mantêm vestuários como forma de apresentação para que suas respectivas etnias possam se estruturar como ONGs, participar de eventos econômicos do cálculo capitalista, vincular-se a partidos políticos, participar do *show* político ao lado de habitantes ribeirinhos em defesa dos povos da floresta. A Amazônia, 'pulmão do planeta', não pode continuar fumando!". (pp. 49-50)

4. Hakim Bey. *Caos: Terrorismo Poético & Outros Crimes Exemplares*. Tradução de Patricia Decia e Renato Resende. São Paulo: Conrad, 2003.

"... não fique com a impressão de que queremos nos mandar de volta à Idade da Pedra. Não temos o menor interesse em 'voltar à natureza' se o pacote de viagem incluir a entediante vida de camponês chutador-de-bosta – nem queremos o 'tribalismo' se ele vier com tabus, fetiches & má alimentação. Não temos nada contra o conceito de *cultura* - incluindo a *tecnologia*; para nós, o problema começa com a *civilização*". (p. LIX)

"Para nós, todas as formas de determinismo são igualmente insípidas – não somos escravos nem de nossos genes nem de nossas máquinas. O que é 'natural' é aquilo que *imaginamos* & *criamos*. A natureza não tem leis – apenas hábitos". (p. LX)

"A comida pertence ao reino da vida diária, a arena principal de todo ato insurrecional de tornar-se poderoso, de toda auto-elevação espiritual, de toda

retomada do prazer, de toda revolta contra a Máquina Planetária do Trabalho & seus desejos de imitação. Mantenhamos-nos longe de todo dogmatismo. Que o caçador de uma tribo indígena americana possa alimentar sua alegria com um esquilo frito; & o anarco-taoísta, com um punhado de damascos secos. Milarepa, o tibetano, depois de dez anos de sopa de macarrão, comeu um bolo de manteiga & alcançou a iluminação. Um bronco não percebe *eros* nenhum num champanhe fino; um feiticeiro pode se embriagar com um copo d'água". (p. LXXV).

5. John Cage. "O futuro da música". In: *Escritos de Artistas*. Organização de Glória Ferreira e Cecília Cotrim. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, pp. 346-347.

"Quero contar a história de Thoreau, de quando ele causou um incêndio na mata. Acho que ela é relevante para a prática da música na situação mundial presente, e pode sugerir ações a serem realizadas à medida que avançamos para o futuro.

Em primeiro, ele não pretendia causar um incêndio (Estava grelhando um peixe que tinha pescado). Uma vez que as chamas já estavam fora de seu controle, correu mais de três quilômetros em busca de ajuda, em vão. Como não havia nada que pudesse fazer sozinho, andou até o despenhadeiro de Fair Haven, escalou até a pedra mais alta e sentou-se nela para observar o progresso das chamas. Foi um espetáculo glorioso, e ele foi o único a vê-lo. Daquela altura, ouviu os sinos tocarem na vila, dando o alarme. Até então se sentira culpado, mas ao saber que a ajuda estava chegando a sua atitude mudou. Disse para si mesmo: 'Quem são esses homens considerados os donos dessa mata, e de que maneira estou relacionado a eles? Incendiei a floresta, mas não fiz nada

de errado ali, e foi como se um raio tivesse causado o fogo. Essas chamas não estão fazendo nada além de consumir o seu alimento natural’.

Quando os homens da cidade chegaram para enfrentar o incêndio, Thoreau se juntou a eles. Foram necessárias várias horas para subjugar o fogo. Mais de cem acres foram queimados. Thoreau notou que os aldeões em geral estavam orgulhosos, agradecidos pela oportunidade, que lhes dera tanto exercício para fazer. Os únicos infelizes eram aqueles cuja propriedade tinha sido destruída. Mas, um dos proprietários foi obrigado a perguntar a Thoreau qual era o caminho mais curto para casa, embora a trilha passasse pela sua própria terra.

Em seguida, Thoreau encontrou um sujeito que era pobre, miserável, e que com freqüência estava bêbado, um homem sem valor (um fardo para a sociedade). Porém, mais do que qualquer outro, esse sujeito era hábil em fazer queimadas no mato. Observando os seus métodos e adicionando as suas próprias idéias, Thoreau estabeleceu um procedimento para combater incêndios com êxito. Ele também ouviu a música que um incêndio faz, rugindo e estalando: ‘Você as vezes ouve, em escala reduzida, nas toras da lareira’.

Tendo ouvido a música que o fogo faz e tendo discutido o seu método de combater incêndios com um de seus amigos, Thoreau foi mais longe: fez a sugestão de que houvesse, junto com os bombeiros, uma banda de músicos tocando instrumentos, a fim de revigorar as energias dos bombeiros que estivessem desgastados e de animar aqueles que ainda não estivessem exaustos. Finalmente, ele disse que o fogo não constitui só uma desvantagem. ‘No final das contas, trata-se sem dúvida de uma vantagem. Ele varre e ventila o solo da floresta, e o torna claro e limpo. É a vassoura da natureza... Desse modo, no decorrer de dois ou três anos, novos campos de mirtilo são criados para os pássaros e para os homens’.

Emerson disse que Thoreau poderia ter sido um grande líder de homens, mas que acabou simplesmente como o chefe dos grupos-de-catadores-de-mirtilo para crianças. Mas os escritos de Thoreau determinaram as ações de Martin Luther King, Jr., de Gandhi, e dos dinamarqueses em sua pacífica resistência à invasão de Hitler. Índia. Não-violência.

A árvore inútil que dava tanta sombra. A utilidade do inútil é uma boa notícia para os artistas. Pois a arte não serve a nenhum propósito material. Ela tem a ver com a mudança das mentes e do espírito. As mentes e os espíritos das pessoas estão mudando. Não só em Nova York, mas em todos os lugares. É hora de dar um concerto de música moderna na África. A mudança não é destruidora. Ela é animadora” (pp. 346-347).

6. H.D. Thoreau. *Caminhando*. Organização e tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

“quero dizer uma palavra em favor da natureza, da liberdade absoluta e do espaço selvagem, em contraste com uma liberdade e cultura meramente urbanas. Quero encarar o homem como um habitante, ou parte e parcela da natureza, e não como um membro da sociedade” (pp. 67)

“Quando às vezes lembro que os artesãos e os negociantes ficam em suas lojas não só toda a manhã, mas toda a tarde também, sentados de pernas cruzadas, tantos deles – como se as pernas fossem feitas para se sentar sobre elas e não ficar de pé ou caminhar sobre elas -, acho que merecem algum crédito por não terem todos cometido o suicídio há muito tempo” (71).

“O homem e os seus afazeres, igreja, Estado e escola, ofício e comércio, manufaturas e agricultura, até mesmo política, o mais alarmante de todos eles – fico feliz em ver como é pequeno o espaço que ocupam na paisagem. A política não passa de um campo estreito (...) Em meia hora posso caminhar até uma porção até uma superfície da terra onde um homem não fica parado ao cabo de um ano ao outro; ali, por conseguinte, a política não existe, pois ela não passa da fumaça de do charuto de um homem” (pp.77).

“Para o leste só vou à força; mas para o oeste vou livremente (...) Acho difícil acreditar que vou encontrar belas paisagens ou suficiente vida silvestre e liberdade além do horizonte leste. Não me excita a perspectiva de uma caminhada para lá; mas acredito que a floresta que vejo no horizonte oeste se estende ininterruptamente para o sol poente e não existem aldeias nem cidades nele de suficiente conseqüência para me perturbar” (p. 84).

“O oeste de que falo não é senão um outro nome para a vastidão; e o que venho me preparando para dizer é que na vastidão selvagem está a preservação do mundo” (p. 92)

“Alguns de nossos índios do norte comem cru o tutano da rena do Ártico, bem como as várias partes, inclusive o topo dos chifres, contanto que sejam macios. E assim, talvez, marcaram um tento sobre os cozinheiros de Paris. Comem o que geralmente vai para alimentar o fogo. Isto é provavelmente melhor para fortalecer um homem do que bife de gado alimentado a ração ou carne de porco de matadouro” (pp. 93).

“As nações civilizadas – Grécia, Roma, Inglaterra – foram sustentadas pelas florestas primitivas que antigamente apodreciam onde estavam fincadas. Elas sobrevivem enquanto o solo não for exaurido (...) Não há muito a se esperar de uma nação quando sua cobertura vegetal chega ao fim, e ela se vê obrigada a fazer estrume dos ossos de seus antepassados. Lá o poeta se sustenta meramente por sua própria gordura supérflua, e o filósofo fica reduzido ao tutano dos seus ossos” (pp. 99).

“Estamos acostumados a dizer na Nova Inglaterra que cada vez menos pombos nos visitam a cada ano. Nossas florestas não fornecem mais mastro para eles. Assim é o que pareceria, cada vez menos pensamentos visitam cada homem em crescimento de ano a ano, pois o pomar em nossas mentes está devastado; vendido para alimentar fogos inúteis de ambição, ou mandado para o moinho e quase não restou um graveto onde possam se empoleirar (...) Nossos pensamentos alados transformaram-se em galináceos comestíveis. Eles não alçam mais vôo e só atingem uma grandiosidade de Xangai ou da Conchinchina. Onde estão aqueles *gra-an-des pensamentos*, *gra-an-des homens* de que ouvimos falar” (p. 118)

7. Elisée Reclus. “Tudo muda – na vida física e na vida social”. In: *Edgar Leuenroth. Anarquismo: Roteiro da Libertação Social*. Rio de Janeiro: Achiamé e CCS-SP, 2007.

“Tudo muda, tudo é móvel no Universo, porque o movimento é a condição mesma da vida”.

“Já não há necessidade de imaginar súbitas mudanças do eixo terrestre, abaixamentos gigantescos. De ordinário, não é dessa forma que procede a



Natureza; é mais calma nas suas obras, modera a sua força e as mais grandiosas transformações fazem-se sem o conhecimento dos seres que ela sustenta. Eleva as montanhas e enxuga os mares sem perturbar o vôo de um mosquito” (pp. 22-23).

### **souza passos**

“O que os anarquistas querem é fazer com que as classes que não têm nada subam até o nível daquelas que têm tudo. Não desejam estabelecer uma sociedade onde todos sejam miseráveis (...) os anarquistas não condenam a existência do automóvel, do rádio, do avião, de todas as coisas belas e úteis. Condenam o privilégio que têm alguns de possuir e usar essas coisas todas (...) Condenam, principalmente, o fato de que, para usarem essas coisas, alguns explorem o trabalho dos outros, que construam seus prazeres, e até mesmo seus vícios, com a miséria dos seres a quem exploram o trabalho, os sentimentos, a honra e a dignidade” (pp. 34-36).

8. Roberto Freire. *Eu é um outro*. Salvador: Maianga, 2002, p. 382-383.

“Iniciada a década de noventa, passei a estudar apaixonadamente ecologia, convencido que estava de só ser possível uma plena compreensão do seu importante significado (...) Esse assunto me fascinava, sobretudo, por ser a soma uma técnica científica de ideologia anarquista, uma proposta de análise social e terapêutica com caráter e fundamentação ecológicos. Pretendia, ao terminar esses estudos, publicar um livro a esse respeito.

Em 1991, foi anunciada a realização no Rio de Janeiro da Segunda Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Acompanhei, durante todo aquele ano, paralelamente ao meu estudo, o noticiário nacional e internacional que antecedeu a esse encontro mundial sobre

ecologia. Aos poucos, fui chegando à conclusão de que ele seria um fracasso, além de uma farsa dos governos capitalistas que o conduziriam, causando graves conseqüências ecológicas para o mundo.

Indignado, resolvi denunciar essa farsa em meu livro, ao qual dei o título de 'A farsa ecológica'. A capa, com uma linda foto de Cláudia Andujar, mostra a comovente tristeza de um jovem índio brasileiro (...)

Passei, então, a realizar palestras com esse título, para divulgar minhas idéias e o livro por várias capitais, até a última, uma semana antes de abertura do encontro, no Rio de Janeiro, na Casa de Cultura Laura Alvim. A recepção às minhas teses foi sempre negativa, mas, no Rio, ela foi trágica.

A platéia do teatro estava lotada. Não suportando as críticas à conferência e a minha radical descrença em seus resultados, renunciando terríveis conseqüências para a nossa preservação ecológica, pessoas que me ouviam, indignadas, porque apoiavam a iniciativa da ONU e me achavam radical demais e demagogo, passaram a interromper minhas palavras de modo agressivo, produzindo vaias e, sobretudo, ofendendo-me e desrespeitando o conteúdo anarquista de meu discurso. Assim, porque eu insistia em argumentar contra a possibilidade de êxito da conferência, foi estabelecida intensa confusão no teatro, o que impossibilitou a continuação de minha fala (...) Alguns homens, extremamente agitados e enfurecidos, saltaram para sobre o palco com a intenção de me agredir fisicamente”.

9. Roberto Freire. *A farsa ecológica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992.

“No Brasil, o problema ecológico começou no dia de sua descoberta (para nós, anarquistas, a palavra certa seria invasão) pelos portugueses. A colonização que efetivaram se caracterizou, desde o início – como aconteceu no resto da América

do Sul – por predação humana, animal, vegetal e mineral. Com os índios, a conduta foi a da crueldade gratuita e perversa, como contam os historiadores. Revela-se que, desde a descoberta, foram assassinados, contaminados e mortos por doenças trazidas pelos brancos (sarampo, tifo, varíola e escarlatina) cerca de 100 milhões de índios. Frei Batholomé de Las Casas acredita ter havido na América recém descoberta 12 milhões de assassinatos nos primeiros anos da colonização. A Igreja Católica, tanto na Espanha quanto em Portugal, perdoava e até abençoava esse extermínio de ‘seres pagãos, desprovidos de alma e possuídos pelo demônio’. Mais tarde, enviando jesuítas para a catequese, mudou de atitude: convertê-los ao catolicismo a qualquer custo, desvirtuando e destruindo sua cultura, a serviço de colonização” (pp. 48-49.).

10. Roberto Piva. *Estranhos sinais de Saturno*. São Paulo: Globo, 2008.

“É importante lembrar Dionysos neste momento em que a Igreja Católica nos impõe São Francisco de Assis como patrono da Ecologia.

Muitos ecologistas caíram nesse conto do vigário, a Igreja Católica esteve do lado dos senhores feudais na Idade Média, da burguesia depois da Revolução Francesa & agora, com sua Teologia da Libertação (ou da Empulhação?), está do lado dos partidos chamados de ‘esquerda’ & dos trabalhadores.

A Igreja Católica só pode viver à sombra do Poder, qualquer Poder. No Brasil, quando chegaram as caravelas de Cabral, o primeiro ato dos padres foi um ato antiecológico: cortaram a primeira árvore brasileira para fazer a cruz da primeira missa (p.178)”.

11. D.H. Lawrence & William Blake. *Tudo que vive é sagrado*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

“Para estar vivo, você deve sentir um fluxo generoso,  
e sob um sistema competitivo isso é impossível, na verdade.

O mundo está aguardando novo e grande movimento de generosidade,  
ou por uma grande onda de morte.

Precisamos mudar o sistema, e fazer a vida livre para todos os homens,  
ou veremos os homens morrerem e então morreremos nós mesmos” (pp. 145).

“Imoral é somente  
estar morto-vivo  
extinguir o sol dentro de si  
e ficar ocupado em extingui-lo  
nas outras pessoas” (pp.153).

12. Roberto Bolaño. “Nosso guia no desfiladeiro” In *Serrote*. São Paulo: IMS,  
2010.

“A cena é, no meio do caos de um linchamento, simples. A turba chega à casa de Sherburn. Há um pequeno jardim. A turba se instala gritando (‘eu nem conseguia ouvir meus próprios pensamentos’) atrás da cerca. Alguém grita que derrubem a cerca. ‘E aí começou um verdadeiro pandemônio, todo mundo quebrando, arrancando e partindo as tábuas. Acabaram derrubando a cerca, e a linha de frente da multidão começou a entrar no jardim como se fosse uma onda’. Sé então aparece Sherburn. Ele está sobre o telhado do pórtico, segura uma espingarda de dois canos e está imóvel, ‘perfeitamente clamoroso e decidido’, observando os que destroem sua cerca, que ao vê-lo lá no alto se mantêm, por

sua vez, calados. Durante um momento, nada acontece. A imobilidade é perfeita. A turba embaixo e o coronel Sherburn em cima, olhando. Sherburn solta uma gargalhada e diz:

“Imagine só, vocês linchando alguém! Eu acho até engraçado. Vocês, achando que iam conseguir linchar um *homem*! Só porque têm coragem de cobrir de piche e penas as pobres mulheres perdidas que passam por aqui, sem ninguém para defender, acharam que iam ter tutano para botar as mãos num *homem*? Mesmo nas mãos de dez mil pessoas como vocês, um *homem* não corre perigo — se for dia claro e vocês não atacarem pelas costas.

“Se eu conheço vocês? Conheço bem até demais, de cabo a rabo. Nasci e fui criado no Sul, mas já vivi no Norte; e então eu conheço a média. O homem médio é sempre covarde. No Norte, deixa qualquer um pisar nele, depois volta para casa e vai rezar, pedindo a Deus que lhe dê humildade de espírito para suportar aquilo. No Sul, já vi um sujeito sozinho parar um diligência cheia de homens, à luz do dia, e roubar um por um. Os jornais daqui vivem dizendo que vocês são um punhado de bravos, e falam tanto que vocês acabam acreditando que eram mesmo mais corajosos que qualquer um — mas na verdade são iguais a todo mundo, não são mais corajosos que ninguém.

[...]

“Na verdade, vocês nem queriam vir. O homem médio não gosta de se meter em problemas, e nem de correr perigo. Vocês não gostam de problemas e nem do perigo. Mas basta *meio* homem — como Buck Harkness, que está ali — gritar ‘Lincha! Lincha!’ pra vocês ficarem com medo de recuar — medo de alguém descobrir como é que vocês são na verdade — um bando de *covardes* — e aí

começam a berrar, se penduram no rabo do paletó do meio-homem e vêm até aqui, no maior tumulto, dizendo que vão fazer muita coisa. A coisa mais triste que pode existir é a multidão; e o exército é isso — uma multidão; ninguém está lutando porque tem coragem própria, mas com uma coragem que vem de serem muitos e dos oficiais. Mas a multidão que não é comandada por um *homem* é coisa tão triste que nem merece pena. Agora, vocês têm que enfiar o rabo entre as pernas, voltar para casa e ir arranjar um buraco para se esconder. Se algum linchamento for mesmo acontecer aqui, vai ser no meio da noite, à moda do Sul; e quando vierem vão estar de máscara, e vão arranjar um *homem* para trazer. Agora, fora daqui — e podem levar esse meio-homem com vocês!” — E ao mesmo tempo apoiou o cano da espingarda no braço esquerdo e engatilhou os dois canos da arma.

A multidão recuou na mesma hora, depois se desmanchou e cada um saiu correndo para um lado.

[...] O coronel Sherburn, que é um homem paciente, também é um assassino que não treme na hora de matar um bêbado fanfarrão que levanta as mãos no momento crucial da morte (“Oh, meu Deus, não atite!”), com se tudo tivesse sido uma brincadeira, uma representação teatral que foi longe demais. Sherburn padece de certa inflexibilidade que hoje considerariamos politicamente incorreta. Mas é um homem e se comporta como tal, enquanto os demais se comportam como massa [...].(pp.78-79)”

13. Primo Levi. *É isto um homem?*. Tradução Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

Vocês que vivem seguros  
em cálidas casas,  
vocês que, voltando à noite,  
encontram comida quente e rostos amigos,  
    pensem bem se isto é um homem  
    que trabalha no meio do barro,  
    que não conhece paz,  
    que luta por um pedaço de pão,  
    que morre por um sim ou por um não?  
Pensem bem se isto é uma mulher,  
sem cabelos e sem nome,  
sem mais forças para lembrar,  
vazios os olhos, frio o ventre,  
como um sapo no inverno.

Pensem que isto aconteceu:  
eu lhes mando estas palavras.  
Garvem-na em seus corações,  
estando em casa, andando na rua,  
ao deitar, ao levantar;  
repitam-nas a seus filhos.

    Ou, senão, desmorone-se a sua casa,  
    a doença os torne inválidos,  
    os seus filhos virem os rostos para não vê-los.

14. Lucjan Sobieraj In Giorgio Agamben. O que resta de Auschwitz. Tradução de Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2008.

“Os dias, nos quais eu era mulçumano, não os posso esquecer. Estava fraco, exausto, cansado até a morte. Para onde quer que olhasse, via algo para comer. Sonhava com pão e sopa, mas logo que acordava sentia uma fome insuportável. A porção de pão, 50 gramas de margarina, 50 gramas de marmelada, quatro batatas cozidas com toda a casca, que havia recebido na noite anterior, já faziam parte do passado. O Chefe do barracão e outros internados que tinham algum cargo jogavam fora as cascas das batatas e às vezes até uma batata inteira; eu os espiava e procurava as cacas no lixo para comê-las. Passava nelas a marmelada; eram realmente boas. Um porco não as teria comido, mas eu sim, mastigava até que sentisse a areia nos dentes...” (p. 165)

15. Émile Armand. El anarquista individualista. Lo que es, puede y vale. La Plata: Terramar, 2007.

“O anarquismo naturista é outra panacéia especial da propaganda. Na sua acepção racional, tal como entendem Tolstoi, Carpenter, Crosby e outros; é digno de simpatia por sua tendência em contestar a vida artificial e a febre desordenada de crescimento dos contemporâneos. Mas os naturistas exagerados quiseram desprezar todos os progressos científicos, fazendo-nos retroceder ao que denominam de “a idade de ouro”, ou seja, o tempo das viagens a cavalo, do trabalhos manuais e dos barcos à vela.

Seria certamente injusto, negar que as cidades industriais são feias e nocivas, além possuírem um fedor desagradável em sua atmosfera. Nada mais desagradável do que chaminés de fábrica inundando de fumaça uma bela



paisagem; nada menos estético do que imensos edifícios, cujas fachadas enfileiradas e suas desesperantes monotonia, perfilam as vicinias das cidades. Mas o reconhecimento desses erros vulgares, não deve nos levar a desejar que desapareçam as conquistas científicas e suas agilidades na fabricação para ‘voltar ao passado’.

Sem dúvida, o anarquista preferirá os trens às carroças, as máquinas de tear ao simples tear manual e, enfim, preferia tudo que proporcione maior bem estar e menor trabalho. Quanto maior for seu desenvolvimento intelectual, mais intensa será sua vida; mais sentirá necessidade de reduzir ao mínimo o tempo exigido o tempo de produção com dos utensílios mais indispensáveis ao funcionamento do corpo. Os naturistas objetam vivamente que na ‘sociedade futura’ não se encontrará quem se preste a desempenhar o trabalho sujo, repugnantes ou difíceis, como mineiro ou fogista, pois cada um escolherá, livremente sua função, sem imposição alguma.

Eis a nossa réplica: A ‘sociedade futura’ é puramente hipotética. Esperar por sua realização, sem aproveitar o progresso adquirido, equivale, para o anarquista, a uma resignada inferioridade que tornaria impossível sua reação, em vida, contra o meio social. Na ‘sociedade presente’, única que verdadeiramente interessa, o anarquista usará dos meios científicos o tanto quanto esses proporcionarem maior força e economia de tempo.

Concluo, portanto, que posso aceitar as premissas do naturismo como reação saudável à perniciosa especulação social, mas não tomá-la como uma representação fidedigna do anarquismo” (pp. 134-135).

16. Etienne De La Boétie. Discurso da servidão voluntária. Tradução Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

“Ora, se por acaso temos alguma dúvida a respeito e abastardarmo-nos tanto que não podemos reconhecer nossos bens assim como nossas nativas afeições, será preciso que eu vos faça a honra que é vossa e, por assim dizer, alce os bichos brutos ao púlpito para ensinar-vos vossa natureza e condição. Os bichos — valha-me Deus! — se os homens não se fizerem de surdos, gritam-lhes: viva a liberdade! Entre eles há vários que morrem logo que são capturados, como o peixe que abandona a vida ao mesmo tempo que a água; do mesmo modo que deixam a luz e não querem sobreviver a sua franquia natural. Se os animais tivessem entre si algumas preeminências, fariam destas sua nobreza. Os outros, dos maiores aos menorzinhos, quando são capturados resistem tanto com as unhas, os chifres, o bico e os pés que declaram o quanto prezam o que perdem; uma vez capturados dão-nos tantos sinais notórios do conhecimento que têm de seu infortúnio, que é bonito de se ver que doravante há mais langor que vida, e que continuam vivendo mais para lamentar sua liberdade perdida do que para se comprazer na solidão. Que outra coisa quer dizer o elefante — que, tendo se defendido até não poder mais, não vendo mais finalidade nisso, encontrando-se na iminência de ser capturado, crava suas mandíbulas e quebra seus dentes nas árvores — senão que seu grande desejo de permanecer livre como é inspira-o e o aconselha a negociar com os caçadores se ficará livre a troco de seus dentes e se será autorizado a dar seu marfim e pagar esse resgate por sua liberdade? Cevamos o cavalo desde que nasce para acostumá-lo a servir; e embora saibamos acariciá-lo tão bem, quando está sendo domando ele morde o freio, escoiceia contra a espora, como, parece, para mostrar à natureza e assim ao menos testemunhar que, se serve, não é por sua vontade, mas por nossa imposição. O que dizer então?

Até o bois gemem sob o peso do jugo; e na gaiola os pássaros se debatem — como eu disse outrora passando o tempo em nossas rimas francesas. Pois escrevendo a ti, ó Longa, temo misturar meus versos que nunca te leio para que,

aparentando contentamento, não me façás sentir-me todo glorioso. Em suma, se todas as coisas que têm sentimento, assim que os têm, sentem o mal da sujeição e procuram a liberdade; se os bichos sempre feitos para o serviço do homem só conseguem acostumar-se a servir com o protesto de um desejo contrário — que mau encontro foi esse que pôde desnaturar tanto o homem, o único nascido de verdade para viver francamente, e fazê-lo perder a lembrança de seu primeiro ser e o desejo de retomá-lo? (pp; 18-19)”

## C.

### **Guerra climática**

A partir dos anos 1990, estudos na área das Relações Internacionais passaram a definir o final da Guerra Fria como marco para o surgimento ou redimensionamento de conflitos não mais vinculados ao embate entre socialismo e democracia-liberal. Dentre as supostas novas motivações para guerras estariam aquelas associadas a disputas por recursos naturais escassos. Tal escassez seria produto tanto da ação degradante direta dos homens quanto das mudanças climáticas globais. Assim, autores do início do século XXI começaram a prever a eclosão de “guerras climáticas” que ocorreriam principalmente em regiões pobres nas quais coexistiriam Estados sem estrutura político-institucional, guerras civis e efeitos das alterações climáticas. As mudanças nos ecossistemas levariam à escassez de recursos vitais, como água e solo fértil, agravando ou até mesmo produzindo conflitos entre grupos étnicos ou políticos. Esses conflitos seriam as “guerras climáticas”. A África é indicada como o continente mais propenso à eclosão de tais guerras. O principal temor da União Europeia e dos Estados Unidos é que as guerras climáticas cortem o suprimento de petróleo e gás natural, provoquem levas de imigrantes

pressionando suas fronteiras, promova crises humanitárias as quais sejam levados a atuar e produza espaços sem soberania que acolha grupos transterritoriais tidos como problemas de segurança, como os terroristas e narcotraficantes.

## D.

### **Estado falido**

No discurso acadêmico e diplomático-militar nos Estados Unidos começou a circular, no início dos anos 1990, o termo “failed state” – traduzido como “Estado falido”, “Estado fracassado”, ou ainda, “Estado fraco” – para designar países, principalmente na África, que não teriam nem o monopólio da violência física nem instituições políticas constituídas segundo o modelo de Estado moderno ocidental. Na mesma época, mas principalmente após a declaração de guerra contra o terrorismo, pelos EUA, em 2001, esses Estados passaram a ser considerados também como ameaças à segurança internacional, pois serviriam de base operacional e covil para grupos transterritoriais ilegais como terroristas e narcotraficantes. Países-alvo na *guerra ao terrorismo*, como o Afeganistão e o Sudão foram considerados pelos EUA e seus aliados como “Estados falidos” que precisavam ser ocupados militarmente e reconstruídos segundo o modelo político ocidental para a proteção do sistema de Estados e dos fluxos econômico-financeiros globais. A identificação de “Estados falidos” foi acompanhada pela construção, na ONU, do conceito de “state building”, ou “construção de Estados”, ação concertada pela Organização para o apoio à produção de instituições políticas em países que não as tivessem. A ONU assumia, então, a função de coordenar o trabalho dos seus membros na intervenção e acompanhamento de missões de paz não mais circunscritas à

tarefa de fazer cessar os combates entre grupos em guerra. As missões para a “construção de Estados”, ensaiadas no Timor Leste, ainda nos anos 1990, e em Serra Leoa, no começo dos anos 2000, tem sido experimentada de forma mais completa, e ainda em andamento, no Haiti, desde 2004. Considerado um “Estado falido”, o Haiti recebeu nesse ano a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), simultaneamente de caráter militar e civil, envolvendo ONGs, empresas transnacionais e Estados-membros da ONU com o objetivo de dotar o Haiti de instituições políticas e infraestrutura para o desenvolvimento integrado ao capitalismo contemporâneo. O conceito de “Estado falido” ganhou uso generalizado nos discursos governamentais, nas organizações internacionais, nas ONGs, na imprensa e nas pesquisas acadêmicas, sendo alvo de estudos especializados e de indexações anuais. Sua utilização indica países em colapso que demandariam apoio internacional urgente para serem recompostos, ou até mesmo construídos, assegurando, assim, a segurança da sua população (a garantia dos seus direitos e da satisfação de suas necessidades) e, pelo reforço da soberania estatal, permitindo o aumento da segurança do próprio sistema de Estados.

## **E.**

### **Sociedade fracassada**

Na Europa, pesquisadores da política internacional destacam não apenas a suposta “falência do Estado”, mas também o que chamam de “fracasso da sociedade”. Preferem, então, termos como “sociedades fracassadas” e “sociedades ou nações frágeis” para enfatizar a necessidade de um amplo apoio internacional no campo econômico-social para o fortalecimento das sociedades, e não apenas intervencionismo diplomático-militar. Somente assim, acreditam

que se produziria estabilidade duradoura e, como consequência, segurança e equilíbrio no sistema internacional.

### **Haiti (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH)**

Em fevereiro de 2004, o então presidente do Haiti, Jean Bertrand Aristide, foi levado para o exílio diretamente do palácio presidencial por um comando militar estadunidense. Aristide alegou ter sofrido um golpe de Estado, enquanto os EUA afirmaram ter agido a pedido do próprio Aristide para impedir a eclosão de uma guerra civil. O governo provisório que assumiu, então, pediu ao Conselho de Segurança da ONU que formasse uma missão de paz para assistir a transição política no país. A MINUSTAH foi aprovada em abril do mesmo ano com uma forma e propósitos inéditos. Desde os anos 1950, as missões da ONU foram de “manutenção da paz” ou de “imposição da paz”, com mandatos limitados. A MINUSTAH foi formada, no entanto, combinando essas duas características e agregando um elemento de construção institucional, que incluiu a implementação de programas para desenvolvimento econômico, para a estruturação do poder judiciário, para a reforma do sistema prisional, para a formação de uma nova polícia nacional, para a construção de infraestrutura e para a realização de eleições. O lema da Missão é “restaurando um ambiente seguro e estável”. As tropas militares têm a tarefa de *pacificar* o país, coibindo milícias e organizações criminosas, enquanto as agências civis da ONU, associadas a centenas de organizações humanitárias não-governamentais, cuidariam da implantação dos programas. As tropas, lideradas desde o início por generais brasileiros, são compostas por militares de países chamados “em desenvolvimento” como Argentina, Jordânia, Uruguai, Equador, Bolívia, Paraguai, Sri Lanka e Coreia do Sul, além do próprio Brasil, com pouca participação de Estados com histórico de intervenções no Haiti, como os EUA e

a França, antiga metrópole colonial. Depois do terremoto de janeiro de 2010, a MINUSTAH teve seu mandato renovado duas vezes pelo Conselho de Segurança que não antecipa uma data para a retirada. A Missão se inscreve no conceito de *state building* (construção de Estado), assumido pela ONU como uma de suas principais funções no século XXI: a tarefa de fazer de “Estados falidos”, Estados estáveis nos moldes ocidentais.

## F.

### Segurança

A partir do final da II Guerra Mundial o termo segurança internacional passou a fazer parte do discurso diplomático-militar e acadêmico. Em termos tradicionais, o conceito de *segurança* foi associado à garantia de integridade territorial e soberania de cada Estado, ou seja, à *segurança nacional*. Desde o final do século XIX, mas principalmente, após a I Guerra Mundial, o desenvolvimento do direito internacional e do direito de guerra indicou a emergência de um novo plano, o da segurança do chamado concerto de Nações como condição para a estabilidade e segurança de cada Estado. Diferente do modelo de equilíbrio de poder desenvolvido na Europa desde o século XVI, esse conceito foi impulsionado pelos Estados Unidos após 1918, no momento em que emergia como potência mundial. A vitória em 1945 consolidou o modelo estadunidense de direito internacional que combinava respeito à soberania com busca pela construção de padrões mundiais de comportamento para os Estados. A ONU, criada por impulso dos EUA, apareceu, assim, com a meta de manter a “paz e a segurança internacionais”. Desse modo, a segurança interna de cada Estado dependeria do exercício do poder soberano centralizado dentro de um território associado ao pertencimento a uma “comunidade de

Estados” comprometida com a paz e a segurança mundiais. O próprio sistema ONU permitiu que organizações regionais de segurança fossem constituídas; primeiro no âmbito da Guerra Fria (OTAN e Pacto de Varsóvia), depois emergindo do seu esgotamento, com a União Europeia, a União Africana e a União de Nações Sul-Americanas (Unasul). O fim da Guerra Fria e a identificação de ameaças à segurança que não mais seriam outros Estados, mas grupos ilegais transitando nos fluxos transterritoriais ampliaram o leque das chamadas “ameaças internacionais”, provocando a desterritorialização da guerra e das possibilidades de guerra. No mesmo momento, a questão dos direitos humanos elevadas ao centro das discussões jurídico-políticas mundiais completou um movimento iniciado no pós-II Guerra, colocando o ser humano como categoria de direito a ser mundialmente protegida. Essa urgência em proteger o Homem poderia fazer com que a *segurança humana* sobrepusesse, até mesmo, a *segurança do Estado*. Os tribunais penais para os genocídios na Iugoslávia e em Ruanda, e o julgamento de ditadores como o chileno Augusto Pinochet, anunciaram a formação do Tribunal Penal Internacional, a partir de 2008, para julgar os crimes contra a humanidade. A segurança humana, também justificou o início das intervenções humanitárias, ações militares voltadas para a proteção de determinadas populações contra violações dos seus direitos. Ao mesmo tempo em que se formava o conceito de segurança humana, foram produzidos outros, como o de segurança climática, segurança alimentar e segurança energética, todos associados à proteção contra ameaças aos chamados “bens públicos globais”, recursos a que todos os seres humanos teriam direito a usufruir *com responsabilidade* e de forma *sustentável*. Na passagem para o século XXI, os conceitos de segurança *nacional* e *internacional* redimensionam-se e são sobrepostos, ainda que não totalmente superados, por outros de caráter *regional*, *transterritorial* e *planetário*, sendo projeto, ainda para o espaço *sideral*, cujo controle passa a ser fundamental para os fins civis e



militares dos sistemas informacionais de rastreamento e mapeamento da superfície e das profundidades do planeta.

## G.

### **Ecologia**

Palavra inventada pelo biólogo alemão Ernst Haeckell. Ele juntou duas palavras do grego clássico: *oikos* casa, habitat e *logos*, razão; e nomeou uma vertente da biologia que estudaria as relações dos organismos vivos com o meio em que vivem. Hackel nunca estudou tal interação a fundo, sua preocupação era com a morfologia dos organismos, as “formas da natureza”.

Outros pesquisadores já estudavam o assunto dos “seres emaranhados em um espaço” (parafrazeando uma expressão de Darwin nas últimas linhas d’A último parágrafo da Origem das Espécies), em especial a geografia botânica.

A palavra ecologia apareceu pela primeira vez na capa de um livro de Eugen Warming, botânico dinamarquês. Foi publicado em Copenhague em 1895, traduzido para o alemão no ano seguinte e para o inglês apenas em 1909. Era efetivamente um estudo ecológico no sentido da invenção da palavra.

A partir daí, importantes estudos biológicos foram realizados. Nos Estados Unidos, em especial na área de Chicago, no final do XIX destaca-se o trabalho de H. C. Cowles sobre a sucessão da vegetação às margens margeando o lago Michigan. A ecologia consolida-se não apenas como um ramo das ciências biológicas, mas como um conceito científico que pôde inclusive ser transplantado para a sociologia urbana.

Para se referir aos espaços ecológicos, Tansley, um biólogo americano elaborou o conceito de ecossistema, o qual reforçou as formas da interação das espécies entre si e com o meio físico. Nessa interação, a água e a luz são decisivos pois movem a cadeia alimentar e as trocas de energia. Cerca de 50 a 90% do corpo dos vivos é constituída por água. O movimento das trocas energéticas e vitais entre os seres bióticos e abióticos, o transporte de nutrientes, a intensidade do metabolismo são proporcionados pela fluidez do elemento água, inclusive a própria captação de energia da luz para a fotossíntese das plantas.

## **LIXO**

o lixo doméstico no Brasil, (1995) é composto por: 65% de matéria orgânica; 25% de papel; 4% de metal; 3% de vidro e 3% de plástico.

**Lixo** é todo e qualquer resíduo proveniente das atividades humanas ou gerado pela natureza em aglomerações urbanas.

**lixo espacial.** - composto detritos de naves, combustíveis, satélites desativados, lascas de tinta, combustível, pedaços de mantas térmicas e foguetes, objetos metálicos e até mesmo ferramentas perdidas por astronautas durante as suas explorações espaciais. Atualmente, cerca de 17.000 destroços com mais de 10 centímetros giram em torno do Planeta Terra, provocando colisões e danificando naves O cenário mais remoto dos riscos do acúmulo do lixo espacial: haverá um momento em que o espaço terá tantos detritos que será impossível utilizá-lo para as necessidades da humanidade. Isso porque, quando dois objetos se chocam, eles geram mais fragmentos, multiplicando assim o número de elementos em órbita.

**Lixo hospitalar** apresenta risco potencial à saúde e ao meio ambiente, devido à presença de material biológico, químico, radioativo, perfurocortante.

**Infectantes** Resíduos sólidos: resíduos em estado sólido ou semi-sólido e líquidos cujas particularidades tornem inviável seu lançamento na rede pública de esgotos

Resíduos do grupo A (apresentam risco devido à presença de agentes biológicos):

- Sangue hemoderivados
- Excreções, secreções e líquidos orgânicos
- Meios de cultura
- Tecidos, órgãos, fetos e peças anatômicas
- Filtros de gases aspirados de áreas contaminadas
- Resíduos advindos de área de isolamento
- Resíduos alimentares de área de isolamento
- Resíduos de laboratório de análises clínicas
- Resíduos de unidade de atendimento ambiental
- Resíduos de sanitário de unidades de internação
- Objetos perfurocortantes provenientes de estabelecimentos prestadores de serviços de saúde.

Resíduos sólidos do grupo A deverão ser acondicionados em sacos plásticos grossos, brancos leitosos e resistentes com simbologia de substância infectante. Devem ser esterilizados ou incinerados.

Os perfurocorantes deverão ser acondicionados em recipientes rígidos, estanques, vedados e identificados com a simbologia de substância infectante.

Os resíduos sólidos do grupo A não poderão ser reciclados.

**Especiais** Radioativos compostos por materiais diversos, expostos à radiação; resíduos farmacêuticos, como medicamentos vencidos e

contaminados; e resíduos químicos perigosos (tóxicos, corrosivos, inflamáveis, mercúrio).

---

**Resolução CONAMA nº 23, de 12 de dezembro de 1996**

RESÍDUOS PERIGOSOS - CLASSE-1 (Anexo I da Convenção de Basileia)

FLUXOS DE RESÍDUOS

Y1 Resíduos clínicos oriundos de cuidados médicos em hospitais, centros médicos e clínicas

Y2 Resíduos oriundos da produção e preparação de produtos farmacêuticos

Y3 Resíduos de medicamentos e produtos farmacêuticos

Y4 Resíduos oriundos da produção, formulação e utilização de biocidas e produtos farmacêuticos.

Y5 Resíduos oriundos da fabricação, formulação e utilização de produtos químicos utilizados na preservação de madeira

Y6 Resíduos oriundos da produção, formulação e utilização de solventes orgânicos

Y7 Resíduos oriundos de operações de tratamento térmico e de têmpera que contenham cianetos

Y8 Resíduos oriundos de óleos minerais não aproveitáveis para o uso a que estavam destinados

Y9 Misturas ou emulsões residuais de óleos/água, hidrocarbonetos/água

Y10 Substâncias e artigos residuais que contenham ou estejam contaminados com bifenilos policlorados e/ou tarfenilos policlorados e/ou bifenilos polibromados

Y11 Resíduos de alcatrão resultantes de refino, destilação ou qualquer outro tratamento pirolítico

Y12 Resíduos oriundos da produção, formulação e utilização, de tintas em geral, corantes, pigmentos, lacas, verniz

Y13 Resíduos oriundos da produção, formulação e utilização de resinas látex, plastificantes, colas/adesivos

Y14 Resíduos de substâncias químicas produzidas em atividade de pesquisa e desenvolvimento ou de ensino que não estejam identificadas e/ou sejam novas e cujos efeitos sobre o homem e/ou o meio ambiente sejam desconhecidos

Y15 Resíduos de natureza explosiva que não estejam sujeitos a outra legislação

Art. 2º É proibida a importação dos resíduos perigosos - Classe 1, em todo o território nacional, sob qualquer forma e para qualquer fim.